

ARTIGOS

O PAPEL DOS ARMÊNIOS NA HISTÓRIA DE BIZÂNCIO.

YESSAI OHANNES KEROUZIAN

Do Curso de Língua e Literatura Armênia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

Lá onde acaba o Ocidente e começa o Oriente, encruzilhada de dois mundos e duas civilizações, foi outrora, do século IV ao XV, centro cosmopolita do grande Império Bizantino, de esplendor e de aventuras, refletindo tôdas as virtudes e tôdas as falhas, que produz a convivência, no mesmo solo pátrio, de raças diferentes.

Os armênios, demograficamente de proporções modestas, contribuíram, por seu elemento humano, em larga escala e de maneira eficaz, para o desenvolvimento e grandeza dêste império. E não se pode ter uma visão completa da História Bizantina sem o conhecimento da História do Povo Armênio, pois foi êste que lhe forneceu um número elevado de figuras eminentes para o trono, para a defesa e para arte e cultura: 25 imperadores, 10 imperatrizes, além de exarcas, generais, tropas de choque, funcionários civis, homens de arte e ciência e patriarcas.

Portanto, Bizâncio deve a sua grandeza não aos primeiros habitantes, mas aos que posteriormente a partir do ano de 330 (11 de maio), chegaram aí, para onde Constantino-o-Grande transferiu a segunda sede do Império Romano — cêrca de 500.000 habitantes no século V, nos tempos de Justiniano I-o-Grande (527-565), a cidade já contava mais de 1.000.000 (1). A política dos imperadores bizantinos, de renumerar altamente e com grandes vantagens pecuniárias e distribuição de terras, os que se alinhavam sob a sua bandeira como

(1). — BRÉHIER, II, p. 82.

militantes e como funcionários do Estado, atraiu elementos capacitados de todos os povos e de tôdas as raças, tanto do Oriente como do Ocidente. Nas ruas e nas praças, nos estádios e no pôrto, gregos e romanos, armênios e eslavos, europeus e mongóis se acotovelavam, todos nada tendo em comum racialmente, mas colaborando na criação de um império.

Foi Bizâncio a grande metrópole que atraia os armênios, sobretudo após a divisão da Armênia em duas áreas de influência, pelo Tratado de Ctesifonte, no ano de 387, entre Bizâncio e a Pérsia, passando a parte ocidental (Armênia ocidental) para a administração romano-bizantina, e a oriental (Armênia oriental) para a administração persa. Dentre os imigrantes chegados a Bizâncio, segundo Bréhier,

“os mais numerosos de todos os tempos foram os armênios, alguns fugindo às perseguições dos persas, outros, mais tarde, às dos árabes, e outros ainda, movidos pela ambição de entrar na hierarquia imperial” (2).

As guerras incessantes, os ataques dos bárbaros ao país, a destruição de cidades, as pilhagens e matanças obrigaram muita gente a procurar abrigo na Armênia ocidental, nas cidades ocidentais da Ásia Menor e notadamente em Bizâncio.

A formação cultural foi outro motivo para muitos estudantes armênios rumarem para Bizâncio, então um dos maiores centros de estudos. Um glossário armênio-grego, em forma de um manual de conversação, descoberto num papiro grego de Fayum (Egito), da primeira metade do século VII, é indubitavelmente a contribuição desse núcleo cultural armênio, a serviço de seus compatriotas imigrados, para se conformarem com o meio e para se “helenizarem” (3).

Além de imigrações em busca de segurança, de luxo e de formação cultural, a política dos governantes bizantinos, de deslocar em massa elementos armênios para a Península Balcânica, Trácia e Macedônia, foi mais um motivo da presença dos armênios no Império Bizantino. No ano de 451 Vartan Mamikonian, chefe da maior dinastia da Armênia, quis transferir-se por razões pessoais, com toda a família para a parte ocidental (4). Dez anos depois, dois príncipes armênios, descendentes de arsácidas, Ardavan e Kazrik, se transferi-

(2). — BRÉHIER, II, p. 84.

(3). — LEROY, em *Byzantion*, 1938, p. 513-537; cf. BRÉHIER, II, p. 85, nota, 1.

(4). — LÁZARO DE PARBE, XXX, p. 177.

ram, com suas famílias e numeroso séquito, para Bizâncio. O imperador Basílio I descendia desse grupo imigrado. No decorrer do tempo será muito grande o número dos que seguiram o mesmo caminho.

O advento do Cristianismo na Armênia, no ano de 301, criou um motivo permanente de emigração armênia rumo ao Ocidente.

Em Bizâncio, os armênios organizaram-se logo em instituições coletivas e criaram excelentes oportunidades de progresso e de bem-estar. Desde o período bizantino até a Primeira Guerra Mundial, a cidade foi, com seu elevado número de armênios, cêrca de cento e cinquenta mil no comêço do sécu'o XX, o centro cultural da Diáspora armênia. No século V, os armênios achavam-se domiciliados, de preferência, nas adjacências da Igreja de Santa Sofia (5); uma das entradas desta chamava-se “porta dos armênios” e numa das paredes estava representada a figura do apóstolo da Armênia, Gregório-o-Iluminador.

A política do imperador Zenão (474-491) e posteriormente a de Justiniano I-o-Grande, a respeito da Armênia, não agradavam aos armênios de Bizâncio, pelo que um grupo de dignatários armênios, entre os quais se encontravam os príncipes Ardavan e Arshak, conspirou, conforme nos refere o historiador Procópio (6), contra a vida do mesmo.

Grande é o número de armênios que se destacaram, pelos seus serviços e altos cargos, na história do Império Bizantino, numa sucessão quase ininterrupta do século VI ao XIV.

“Entre os séculos IX e X, sobretudo, diz Charles Diehl os armênios deveriam desempenhar papel importante nos negócios do govêrno como soldados, como generais, como administradores, como diplomatas e como Imperadores” (7).

Muitos destes imperadores, por suas virtudes de espírito e de inteligência, em nada se mostram inferiores aos melhores césares da antiga Roma, alguns como estrategistas e outros como legisladores.

*

FÔRÇAS ARMADAS.

Para a segurança interna e para a defesa das fronteiras, os armênios formaram a elite de tropas de choque; graças aos valorosos

(5). — ESTEVÃO DE ASOGHIK, p. 85.

(6). — Cf. ABRAHAMIAN, p. 38-39.

(7). — DIEHL, *Histoire de l'empire byzantin*, p. 99.

exarcas e generais armênios, como Narses, Isaac, Kurken (Courcuas, João Courcuas), Artavazt, Vart (Bardas), Nicéforo Focas, Jorge Maniakes, Leão Tornikes, Shabuh (Sapóricos), Arshavir, etc. O Império Bizantino foi salvo muitas vêzes (8).

Para a defesa das vastas províncias do Império Bizantino, criou-se o sistema dos assim chamados “Temas” (destacamento das províncias), no século VII, por iniciativa de um armênio: o imperador Heráclio I.

Consistia em guarnições selecionadas, cêrca de vinte, acantonadas em províncias do Império, concedendo-se terras a cada militar, a título hereditário, com a obrigação de serviço militar permanente. A presença constante dessas tropas incentivou grandemente as populações civis da região a unir-se às forças armadas, nos serviços de retaguarda e abastecimento, nas operações de defesa das cidades. Os “Temas” classificavam-se segundo a importância de seus encargos; os comandantes recebiam os maiores salários do Império.

Os dois primeiros dos “Temas” do Oriente eram o “Anatólícon” e o “Armeníacon”, êste último todo composto de armênios chefiados por generais armênios. Julgando pelos fatos, o “Armeníacon” foi um dos mais ativos do império; os seus generais, dos mais destacados que tiveram papel importante nos acontecimentos do Império, tendo vários dêles chegado a imperadores. Elementos armênios encontravam-se, entre outros, no destacamento Anatólico, Cilícia e Capadócia. O destacamento destinado à defesa da Capital e da pessoa do imperador, era o *Opsikion*. Houve tempo em que os comandantes em chefe dos destacamentos da Ásia Menor eram todos armênios (9).

Até os tempos do imperador Zenão (471-491) parece que o corpo da guarda imperial era constituído de armênios. A êsse respeito o historiador Procópio refere:

“Na capital, Constantinopla, compunham o corpo da guarda não menos de 3500 homens, tendo a responsabilidade da defesa do palácio real. Chamavam-se *skolaroi*. Eram mais bem remunerados do que os outros. Os primeiros imperadores escolheram armênios para essa tarefa” (10).

(8). — Ver as obras de DIEHL, OSTROGORSKY, VASILIEV, sob os nomes citados no trabalho.

(9). — VASILIEV, I, p. 301; OSTROGORSKY, p. 126, 184, 194, 209, etc. DIEHL, *Histoire du Moyen Age*, III, 151-155, 222-224; *Études Byzantines, Exarchat de Ravenne*, p. 403-404; BRÉHIER, ver sob *Thèmes*.

(10). — ABRAHAMIAN, p. 42.

A criação dos “Temas” foi a grande sabedoria estratégica da política de Bizâncio, atraíndo os melhores elementos dos outros povos ;uma abertura política que faltou aos governantes de Roma.

Portanto, não é difícil compreender o porquê do governo central preferir particularmente os armênios, para a sua defesa, muitas vèzes em prejuízo de sua pátria (11).

Nos domínios do Império bizantino no Ocidente, também os armênios estavam em destaque. Segundo nos conta Procópio, no ano de 550 Justiniano I designou o armênio Narses comandante-chefe das forças que defenderam a Itália contra os godos; após a vitória, foi êle nomeado exarca (delegado imperial, governador) da Itália. Um mosaico da igreja de São Vitale em Ravena mostra Narses à direita da imperatriz Teodora (fig. 22).

O historiador grego Agácio de Mirina, continuador de Procópio, exprime-se nos seguintes têrmos a êsse respeito:

“Para mim é difícil encontrar, nos séculos anteriores, outro general com tantas e tão grandes vitórias como Narses” (12).

Outro armênio, Isaac, exarca (delegado imperial) da Itália, com sede em Ravena, defendeu com denôdo a península contra os lombardos. Seu túmulo encontra-se na mesma igreja de São Vitale em Ravena (fig. 23, 24).

Por três séculos acantonaram, em Ravena, três divisões de cavalaria armênia, chamadas *Numerus Armeniorum*, tendo a sua própria “Igreja Armênia” (13).

Outros núcleos militantes armênios encontravam-se na Trácia (Filipópolis), na Sicília, no litoral africano, no Egito e, talvez, na ilha de Creta (14), sob o comando de Ohanes (João) e Ardavan, da dinastia dos arsácidas armênios, Ohanes João Troclides e seu irmão Papo.

Procópio se refere a outros armênios, comandantes de destacamentos, como o de Akoulis, em substituição a Belisário, Narses Gansaragan, Klag, cujo destacamento

“não conhecia outro idioma além do materno”;

(11). — OSTROGORSKY, p. 109-110.

(12). — TCHAMTCHIAN, II, 6, 16.

(13). — ALISHAN, p. 13; FENDIKLIAN, p. 357.

(14). — Revista *Paros*, 1929, setembro; PROCÓPIO, I, 14; HABESHIAN, p. 113-116; ADONTZ, p. 204.

Arádio e seu irmão Narses, transferidos da Armênia para Bizâncio,

“tinham às suas ordens uma divisão de nada menos de 10.000 (dez mil) milicianos corajosos e experientes na arte de guerra” (15).

Segundo o historiador Teófano de Bizâncio, o imperador armênio, Romano Legapeno, confiou ao armênio Kurken (Courcuas, João Courcuas), o melhor general do Império, durante vinte e dois anos (922-944) a chefia do comando das forças armadas acantonadas na Ásia Menor. Foi apelidado

“um segundo Trajano, um segundo Belisário” (16). “Ele dobrou, diz Teófano, as fronteiras de Roma (na Ásia Menor) ... estendendo as fronteiras do Império até os rios Tigre e Eufrates”.

No ano de 944 obrigou o emir da cidade de Edessa a devolver aos bizantinos o famoso “santo sudário” (mendilion), segundo a tradição enviado ao rei Abgar pelos apóstolos, recebido em Constantinopla com grandes festividades. Por suas gestas insuflou entusiasmo animador nas forças do Império. Assistiu-o seu irmão Teófilo, com o filho João Tzimishes, este no futuro um dos mais corajosos imperadores de Bizâncio; ainda, Melias e, um pouco mais tarde, Bardas Focas e seus filhos Nicéforo, futuro imperador, e Leão; Artavazt, comandante dos destacamentos *Armeniacon* e *Opsikion* e futuro imperador. Estes e outras figuras eminentes, cuja lista seria longa, garantiram para o Império segurança interna e externa, respeito do poder central e entusiasmo e dedicação na defesa de seus domínios e de seus mares (17).

*

ARTESANATO E COMÉRCIO.

Foi notável a contribuição dos armênios no setor de artesanato e de comércio. O bizantinista Runciman diz:

“Os *armênios* deram ao Império Bizantino não somente homens valorosos, mas, também, muitos profissionais de trabalho” (18).

(15). — PROCÓPIO, VI, 8, 6; cf. ABRAHAMIAN, p. 45.

(16). — TEÓFANO, 427; cf. DIEHL, *Histoire du Moyen Age (HMA)*, III, p. 459.

(17). — TEÓFANO, 432; RAMBAUD, *L'Empire Grec*, p. 105; DIEHL, *HMA*, III, p. 246, 459.

(18). — RUNCIMAN, p. 319.



22. Imperatriz Teodora I (527-548), mulher de Justiniano I, tendo ao seu lado, à direita, *Narses-o-Armênio*, general e exarca (governador) da Itália. (Mosaico da Igreja de São Vitale em Ravena, Itália).

No século VII o cientista-matemático armênio, Ananias de Shirak, encontrou, no pôrto de Sinope do Mar Negro, ao norte de Amasia, um grupo de comerciantes armênios, provenientes de Bizâncio (19).

A cidade armênia de Twin (Armênia Oriental), centro de artesanato, era uma das praças de comércio do Oriente, entre outros, também para os romanos, como refere Procópio (20), segundo Charles Diehl, comerciantes armênios e sírios rumavam de Bizâncio para a África, Itália (Ravena, Gênova, Veneza, etc.), Espanha e França (Marselha, Bordéos, Orleans, Paris) (21). No setor de ourivesaria, os armênicos ocupavam os primeiros lugares.

*

HIERARQUIA E CULTURA.

João-o-Gramático, perito em ciências mágicas, o “homem mais sábio de seu tempo” e instrutor do imperador Teófilo, tornar-se-á, no ano de 832, patriarca de Constantinopla. Foi anti-iconoclasta; tomou parte ativa nos debates e convulsões de seu tempo, junto com o imperador seu aluno; foi no ano de 832 a Bagdad, chefiando uma delegação de negociações junto ao califa Mamoun (22).

O que deveria valorizar a contribuição dos armênios neste Império foi uma iniciativa de Bardas (Vart, descendente da ilustre família armênia dos Mamikonians) chefe e “césar” do Estado Bizantino: a fundação da Universidade de Magnaura,

“centro importante de ciência e civilização bizantina” (23).

A seu respeito escreve o historiador Teófilo:

“Bardas (Vart) incentivou as ciências, em decadência em nosso tempo ... a melhor de suas obras foi a Universidade de Magnaura de Constantinopla”.

O primeiro reitor daquele importante centro de ensino foi um ilustre armênio da época, Leão, apelidado ‘o Matemático’ ou o ‘Fi-

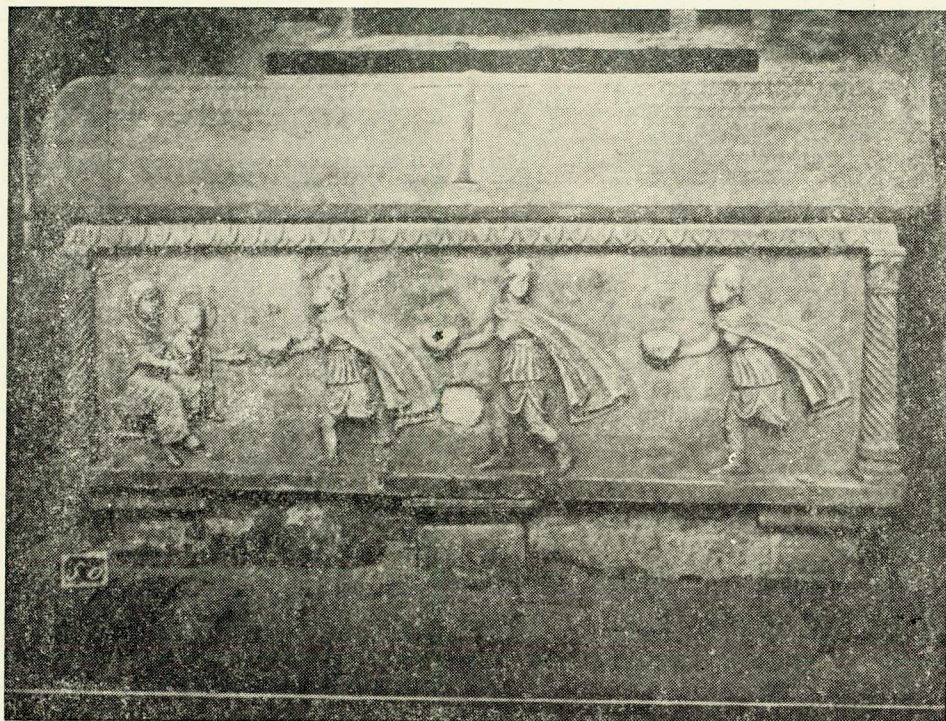
(19). — ANANIAS DE SHIRAK, p. 2.

(20). — PROCÓPIO, II, 25.

(21). — DIEHL, *Byzance*, p. 92.

(22). — VASILIEV, I, 277; DIEHL, *HMA*, III, p. 316.

(23). — OSTROGORSKY, p. 251-252; DIEHL, *HMA*, III, p. 320; VASILIEV, I, p. 380.



23. Sarcófago de *Isaac-o-Armênio*, exarca da Itália, na Igreja de São Vitale em Ravena, Itália. Os três magos apresentando o Menino Jesus.

lósofo' "por ser versado em ciências matemáticas e mecânicas"; era natural de Salônica (Macedônia) e sobrinho do patriarca armênio de Constantinopla, João-o-Gramático. O califa Mamoun várias vezes convidou Leão para ir a Bagdad, com proposta de altas compensações; mas o imperador não o deixou partir, conferindo-lhe cada vez novos cargos. Fócio, patriarca de Constantinopla, elevado do estado de leigo a tal função em seis dias por ordem do co-imperador Bardas, foi amigo de Leão o Matemático, e Constantino, o futuro bispo Cirilo, apóstolo e criador do alfabeto eslavo, seu aluno. Estêvão, filho menor do imperador Basílio I, foi outro patriarca armênio de Constantinopla, no governo de seu irmão, Leão-o-Filósofo (886-912) (24).

O imperador armênio, Constantino VII Porfirogêneta (913-959), além de suas funções de chefe do Estado, foi, também, autor de várias obras de fundo histórico-científico. São dêle a *Biografia do Imperador Basílio I, Sobre os Temas (Destacamentos)*, e outros escritos pertencentes às ciências médicas. Era versado, também, em música. Foi patrocinador das letras e por sua ordem dois autores, Teófano e Genésio José nos deram a história do Império Bizantino.

Genésio José, armênio e historiador. No tempo do imperador Constantino VII Porfirogêneta e por sua ordem, escreveu a história de Bizâncio, em seis livros, continuando a obra do historiador grego Teófano; razão pela qual sua obra é conhecida, também, sob o título de *Continuação de Teófano*. Ostrogorsky qualifica essa obra como

"Monumento de Historiografia da Dinastia Macedônica" (25).

As obras de Genésio e de Teófano são das mais importantes da História Bizantina.

Dentre os autores armênios de Bizâncio, conhecidos por nomes, figura um certo Nicolau Artavazt, de Smirna, como matemático e geômetra (26).

*

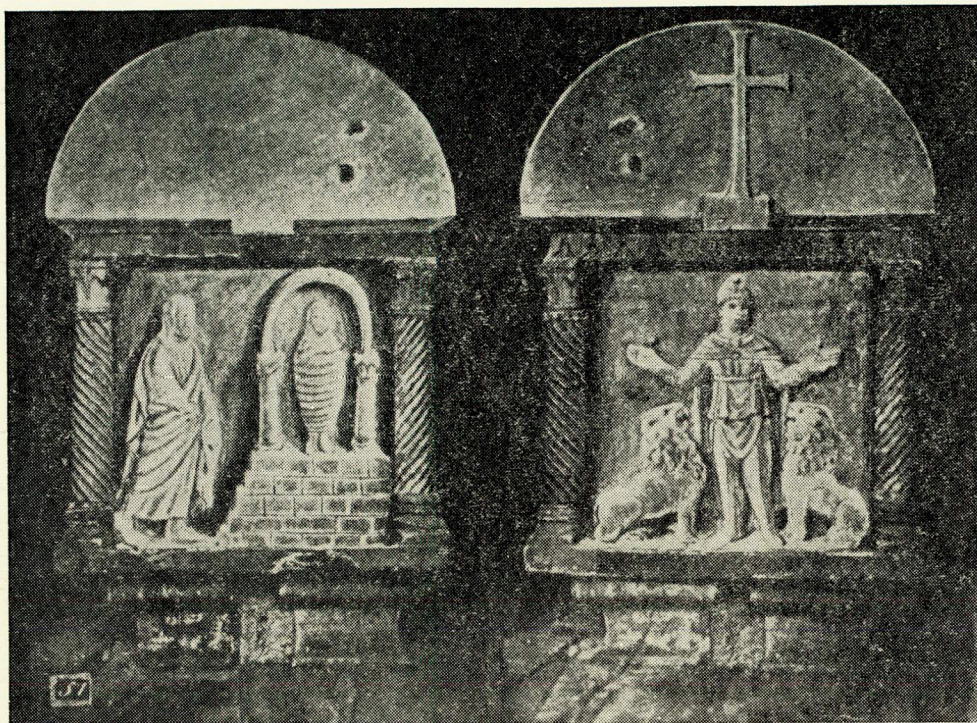
ARTE E ARQUITETURA.

No seu desenvolvimento cultural, Bizâncio não esteve isenta da influência armênia. Certas semelhanças na arte dos manuscritos e das iluminuras, que datam do século IX, e certos aspectos de arqui-

(24). — OSTROGORSKY, p. 261; DIEHL, *HMA*, III, p. 450, 528.

(25). — OSTROGORSKY, p. 176, 240; DIEHL, *HMA*, III, p. 514.

(26). — BEDROSSIAN, p. 176-182.



24. Sarcotago de *Isaac-o-Armênio*, exarca da Itália, na Igreja de São Vitale em Ravena, Itália. As duas extremidades do sarcotago. Ressurreição de Lázaro e o profeta Daniel entre os leões. *Notem-se* a apresentação dos magos (fig. 23) e do profeta Daniel (fig. 24) em costumes militares armênios.

tetura nos obrigam a pensar neste sentido. Referências históricas, também, são a favor desse asserto (27).

Nos meados do século VII o patriarca da Armênia, Nerses III (641-661), convidou o imperador armênio Constantino III de Bizâncio, para assistir à inauguração da catedral Zwartnots (“Igreja dos Anjos”, ao leste de Erevan), uma construção de rara forma arquitetônica. Na hora de voltar, o imperador convidou o arquiteto e sua equipe para segui-lo até Constantinopla, a fim de construir “uma igual” na capital do Império (28).

Durante as guerras bizantino-búlgaras, a Macedônia sofreu muito pela destruição de suas cidades. Foi, então, outro imperador armênio de Bizâncio, Basílio II-o-Bulgaróctone (massacrador dos búlgaros, dos anos 976-1025), que convidou engenheiros e empresários armênios, a irem até a Macedônia para a reconstrução da região.

Com a ascensão ao trono de Bizâncio de um armênio, Basílio I (867-886), fundava-se a Dinastia Macedônica, criando para o Império o seu “Século de Ouro” político e cultural (29) e marcando “uma nova era na história da arte bizantina” (30), precisamente a era de influência direta da arte armênia sobre as criações de arte de Bizâncio (31).

O lançador dessa asserção, em termos científicos, foi o renomado Strzygowski, professor da Universidade de Viena. Ele substituiu a opinião até então dominante, que via em cada obra de arte oriental uma influência de Bizâncio, invertendo-a no sentido de que

“longe de sofrer a influência bizantina, foi a Armênia que influiu na arte”.

Os comprovantes históricos e a presença de inúmeros armênios em todos os setores políticos do Império — no trono, na corte, nas forças armadas e na administração e em tôdas as camadas da sociedade, entre outros como artistas e arquitetos — corroboram esta tese, apoiada pelos bizantinistas e vários autores e arquitetos ocidentais, embora com certa reserva por parte de alguns.

A Nova Igreja (*Nea*) do imperador armênio Basílio I (867-886), foi, provavelmente, planejada por elementos armênios. No ano de 989 caiu, devido a um terremoto, a cúpula da catedral de Santa So-

(27). — DER-NERSESSIAN, S., p. 3.

(28). — MOISES KALANKATWATSI, p. 254; SEPEUS, p.

(29). — DIEHL, *HMA*, III, p. 516.

(30). — VASILIEV, I, p. 489.

(31). — VASILIEV, I, p. 489.

fia; para a sua reconstrução foi convidado, da Armênia pelo imperador armênio; Basílio II Bulgaróctone (976-1025) o engenheiro armênio, Tirtad, o famoso planejador da nova capital da Armênia, Ani, e construtor das muralhas e da catedral da mesma, e é esta cúpula que continua de pé até hoje (32).

A criação do sistema de ogivas, do estilo gótico, pertence à arte armênia e não à bizantina. As suas primeiras realizações aparecem na Armênia desde o século VII (Igrejas de Mren e de Masdara), chegando à perfeição técnica no século X, nas cúpulas da Igreja de Santa Cruz de Haghbad, de dois andares, do ano de 976, e no Salão do Mosteiro de Horomots (Koshavank), pouco depois do primeiro. Estas duas construções apresentam-se como os protótipos da ogiva da arquitetura gótica. Somente no século XI, isto é, cem anos depois surgem, no Ocidente, as primeiras tentativas de construção do gênero na Itália, exatamente no caminho de penetração armênia no Ocidente, com a igreja de Santa Anastásia de Asti, do ano de 1091; a de Santo Ambrósio de Milão, do século XII; a de Santo Evásio de Casale de Monferrato (na Lombardia), do ano de 1107, é uma reprodução fiel do Mosteiro de Horomots acima referido (33).

A abóbada ultrapassada, erradamente chamada “arabesco” na História da Arte, é outra criação da arquitetura armênia dos séculos VI e VII, muito antes de que os árabes possuíssem a sua própria arquitetura. A designação errada se deve ao fato dela ter chegado através da arquitetura árabe ao conhecimento do Ocidente (34).

A origem da cúpula, se não é da Armênia, não deve estar muito longe dela. Segundo o italiano Rivoira as primeiras coberturas em forma de tambor surgem na Armênia (35), primeiramente em madeira e nos fins do século V, no restauro da catedral de Etchmiadzin, perto de Erevan, inteiramente de pedra.

*

IMPERADORES E IMPERATRIZES ARMÊNIOS NO TRONO DE BIZÂNCIO.

A maior contribuição armênia, na História Bizantina, reside na série daquelas personagens, mais de trinta, que, a começar do século

(32). — TORAMANIAN, p. ; ESTÊVÃO DE ASOGHIK, p. 251.

(33). — DJEVAHIRDJIAN, p. 13-29; FOCILLON, in *Arte Soviética*, 1966, nº 5, p. 48-53.

(34). — A “abóbada ultrapassada” foi notada pelo arqueólogo francês CHARLES TEXIER, já do século XIX. Autores, como STRZYGOVSKI, AUGUSTE CHOISY, BRÉHIER, e vários outros concordam com esta versão; cf. DJEVAHIRDJIAN, no trabalho citado, p. 13, 19.

(35). — RIVOIRA, p. 189-229; cf. in *Arte Soviética*, 1966, nº 5, p. 52.

VI até o XIV subiram, quase ininterruptamente, ao trono de Bizâncio, como imperadores e imperatrizes, tendo nas mãos as rédeas do Império e influenciando nos rumos de sua história.

A Dinastia Macedônica (867-1025) é a “era dos armênios”, fundada por eles (Basílio I); é o apogeu da História Bizantina em que rejuvenesceu o Império pela consolidação do poder central; pela extensão das fronteiras e pelo surto das ciências, dando a Bizâncio o seu “*Século de Ouro*” de arte e cultura (36), entre outros a famosa epopéia nacional de *Digenis Acrita*, composta em grego vulgar, nos anos de 928 a 944; criaram-se os melhores “ícones”, as melhores iluminuras, as portas de bronze e outras obras de arte, que hoje em dia ornamentam soberbamente as igrejas da Itália (Amalfi, Salerno, São Paulo de Roma, etc.) e as coleções de Siegburg, de Bomberg e os museus de Lyon e Berlim.

Daremos a lista dos imperadores e imperatrizes armênios acompanhando os primeiros de um resumo histórico. Esta lista, testemunha mais eloqüente do papel importante, que os armênios desempenharam na História de Bizâncio, ao mesmo tempo vai colocar-nos diante de uma pergunta bastante dura: por que êsses homens, “imperadores”, dotados de tantas qualidades, não alcançaram um êxito favorável dentro dos confins da própria pátria e sim fora dela? A resposta nos dá a história política do país dos armênios, o qual lhes recusou as oportunidades necessárias ao desenvolvimento das aptidões, por causa da situação geográfica, que fez dêle um campo aberto às guerras incessantes de competição entre o Oriente e o Ocidente.

* *
*

I. — IMPERADORES ARMÊNIOS.

1. — *Maurício (Morik)*, 582-602 (37).

Dentre os sucessores de Justiniano I, o mais inteligente e talvez, o maior estrategista na História Bizantina. General das Forças Armadas, durante o govêrno de seu predecessor, Tibério (578-582), que deu-lhe a sua filha, Constantina, em casamento. Ao subir ao trono, reformou as instituições militares; substituiu os mercenários bárbaros pelas tropas de elite, recrutadas nas melhores províncias do território imperial; criou os exarcados da Itália e da África, centrados, respec-

(36). — DIEHL, *HMA*, III, p. 516.

(37). — VASILIEV, I, p. 171.

tivamente, nas cidades de Ravena e Cartago e derrotou os eslavos e ávaros, no Danúbio, e os persas no leste do Eufrates, com uma estratégia de movimentos rápidos bem calculados.

Pereceu na revolução militar de 602. (Fig. 1, 2, 3).



1 Մօրիկի կայսեր դրամը.



2 Մօրիկի, կոստանդինիա և թեոդոսու
(Հերակլի և Կոնստանտինի)



3 Ոսկեդրամ Մօրիկի.

1. Maurício (Morik, cobre).
2. Maurício, a imperatriz Constantina e Teodosio I-o-Grande, com o timbre de Heráclio I.
3. Maurício (Morik, ouro).

*

2. — Heráclio I (610-641):

Fundador da Dinastia dos Heráclidas.

Personagem de físico atraente, de cabelos loiros e olhos azuis, de sentimentos humanitários, cujo princípio era governar “mais pe’o amor que pelo temor”.

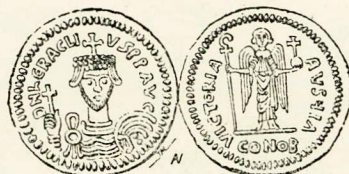
Sucedera a Focas (602-610) num período turbulento, em que Bizâncio recuara diante dos eslavos e búlgaros no Ocidente, e dos persas e árabes no Oriente perdendo os Balcãs, a África romana, a Armênia, a Síria, a Mesopotâmia, e os subúrbios de Constantinopla sob a pilhagem dos ávaros e eslavos.

Heráclio não quis perder mais do que fôra perdido; após pacientes e longos preparativos de dez anos, assistido pelo seu melhor conselheiro de horas difíceis, o patriarca Sérgio de Constantinopla, passou ao Oriente, derrotou os persas, entrou na fortaleza dos sassânidas, a capital Ctesifonte, levou consigo a Santa Cruz e regressou triunfalmente em Constantinopla, após sete anos de duras guerras.

Heráclio foi o criador da famosa estratégia bizantina dos assim chamados “Temas”, destacamentos selecionados para a defesa das províncias do Império, os primeiros dêsses destacamentos sendo o *Anatólicon* e o *Armeniacon*. (Fig. 4, 5, 6).



4 Հերակլ Ա.Յ հիւպատոսիան դրամը.



5 Հերակլ Ա.Յ սահղրամը.



6 Հերակլ, Կոստանդին ու Եւդոքիա.

4. Heráclio I, do tempo de Consulado (cobre).
5. Heráclio I, (ouro).
6. Heráclio I, Constâncio II e Eudóxia (cobre).

*

3. — *Constantino II (641).*

Filho de Heráclio I, do primeiro casamento, e desde 638 co-imperador com seu irmão Heráclio ou Heraclonas, outro filho do segundo casamento, sob a tutela da rainha-mãe, Martine. O jovem imperador morreu, provavelmente envenenado pela madrasta.

*

4. — *Heraclonas (641)*.

Filho de Heráclio I, do segundo casamento e co-imperador com seu irmão, Constantino II, no ano de 638. Foi deposto, com a sua mãe, Martine, pelas forças da Ásia Menor.

*

5. — *Constâncio (Heráclio) II (641-668)*.

Filho de Constantino II. Heráclio de nascimento, passou a ser chamado Constâncio, ao subir ao trono aos onze anos de idade. Anos difíceis para o Império; o Egito, a Síria, a Palestina e a Mesopotâmia estavam nas mãos dos árabes. Homem enérgico, pelo decreto *Type* proibiu qualquer discussão religiosa, como prejudicial à unidade do Império e, por discordâncias com Roma, depôs o papa Martinho I. No Oriente lutou contra os árabes e na Itália contra os lombardos, chegando a tranquilizar o Ocidente. Foi assassinado quando se encontrava em Siracusa (Itália). (Fig. 6).

*

6. — *Gregório (Krikoris) (646-647)*.

Exarca da África e imperador dissidente. Morreu em luta contra os árabes (38).

*

7. — *Mizizio (Mjej Knuni) (668)*.

General, proclamado imperador, apoiado pelo destacamento *Armeníacon* do Oriente, sob o comando do armênio Shabuh (Sapórios). Não se conhece detalhes nem o seu fim (39).

*

8. — *Constantino IV Pagonat (668-685)*.

Filho de Constantino II. Inteligente, enérgico, entre os anos de 671 e 677 combateu os árabes, derrotando-os no mar, perto de Cons-

(38). — DIEHL, *HMA*, III, 238.

(39). — DIEHL, *HMA*, III, p. 240; OSTROGORSKY, p. 153-154.

tantinopla, enquanto seus generais os venciam no Oriente (Síria), tornando tributário o califa Moávia. Foi, por ocasião de um combate naval contra os árabes, perto de Constantinopla, que um arquiteto “sírio” entregou ao imperador o segredo do “fogo marinho”, posteriormente chamado “fogo grego”.

Para tranquilizar o Império e “para não ser ridicularizado perante os infiéis”, Constantino quis acabar com a “guerra religiosa”, reconciliando-se com Roma, com o papa Agatão, que qualificou o imperador de “nôvo David”. Na sua morte o Império estava solidamente firme no Ocidente, como no Oriente. (Fig. 9).



9. Artavazt e Constantino IV Pagonat (ouro).

9 Արտավազի և Կոստանդինի ոսկեդրամը.

*

9. — Justiniano II Rinotmeta (685-695, 705-710).

Co-imperador com seu pai, Constantino IV, desde 670, subiu ao trono aos seis anos de idade. Sua energia imprudente causou descontentamento na política interna. Na revolta de 695 os adversários cortaram-lhe o nariz (*rinotmeta*: sem nariz) e a língua, exilando-o em Quérson, na Criméia.

Seis anos após, em 705, por uma ousadia rara, conseguiu retomar o poder, exercendo um governo de vingança. Afinal, pereceu na revolta de 711, encabeçada por outro armênio, Bardan (Bardas) o Filípico, e com êle acabava, após 85 anos de governo, a Dinastia Heráclida. (Fig. 7).



7. Justiniano II Rinotmeta (ouro).

7 Ոսկեդրամ Յուստինիանոս Բ.Ն

*

10. — *Bardan (Vartan) I. Filípico (711-713).*

Chefe da insurreição contra Justiniano II, Bardan entrou em Constantinopla com uma frota. Com o fim de reconquistar a Itália para o Império, fêz circular, em Roma e Ravena, a cabeça de Justiniano.

Para solidarizar-se com a sua pátria, a Armênia, em questões religiosas, rompeu com Roma. Não obstante, grupos adversários da Itália, apoiados pelo destacamento *Opsikion*, com prevalência de elementos gregos, destronaram Bardan privando-o da vista, segundo um costume bárbaro dêste Império, lembrando os tempos dos antigos assírios. (Fig. 8).



8. Bardan I (Vardan) Filípico (ouri).

8 Վարդան ֆիլիպի սկեղորմը.

*

11. — *Artavazt (741-749).*

Corajoso estratega, por vários anos, dos destacamentos *Armeniakon* e *Opsikion* e cunhado do imperador Constantino V Coprônimo (741-775), a quem deu apóio, na revolta contra Teodósio III (715-717); após a morte de Vardan I Filípico, proclamou-se imperador. Foi destronado por poderosa coalisção e punido, juntamente com os filhos, com a privação dos olhos. (Fig. 9, 10).



10. Artavazt e Nicéforo I (ouro).

10 Արտաւազտի և Նիփոփորի սկեղորմը.

*

13. — *Bardan (Vartan) II o Turco (803)*.

Comandante do destacamento *Anatolikon* e depois de todos os destacamentos da Ásia Menor, na gestão do imperador Nicéforo I (802-811). De um lado o contínuo descontentamento e do outro sua grande popularidade nas forças armadas fizeram com que êle se proclamasse imperador por uma revolta contra o poder central. Ficou por breve tempo; traído por dois de seus ajudantes, Bardan renunciou espontâneamente ao trono, retirando-se para o mosteiro da Ilha dos Príncipes. Nicéforo seduzindo-o de maneira enganadora, privou-o da vista.

*

13. — *Arshavir (808)*.

Administrador imperial de finanças, conspirou para derrubar Nicéforo, a fim de vingar a punição imposta a seu patricio Bardan Filípico, proclamando-se, em seguida, imperador, por breve tempo.

*

14. — *Leão V-o-Armênio (813-820)*.

Comandante do destacamento *Armeniákon* e chefe das forças do Império no período de Miguel I (811-813). Após a derrota dêste, as forças armadas proclamaram-no imperador. No dia 11 de julho entrou em Constantinopla, onde o patriarca Nicéforo o corou solenemente imperador na catedral de Santa Sofia.

Organizador e hábil general interessou-se pelas forças armadas e instituições judiciárias; derrotou os búlgaros no ataque contra a capital. Foi um dos maiores adversários do culto das imagens (“iconoclasta”), costumando dizer, que

“sòmente os imperadores adversários dêsse culto morreram no trono, ao passo que os adoradores das imagens morreram no exílio ou na guerra”.

Seus adversários, integrados pelo clero e Miguel-o-Gago, seu companheiro de armas, assassinaram-no diante do altar da capela do palácio, no dia de 25 de dezembro de 820, durante o ofício de Natal.

Em seguida Miguel proclamou-se imperador. Na ocasião o patriarca Nicéforo, deposto por Leão por discordar dêle, no tocante ao culto das imagens, disse:

“O Império perdeu um príncipe ímpio, mas um grande defensor dos interesses da nação”. (Fig. 11, 12).



11 Լեւոն չարագոյնի մէկ դրամը. Լեւոն Ե.ի և Կոստանդին Է.ի սղնձադրամը.

11. Leão V-o-Armênio (cobre).

12. Leão-o-Armênio e Constantino VII Porfirogêneta (cobre).

*

15. — Miguel III/Bardas (Vart) (842-867).

Filho do imperador Teófilo (829-842), armênio por parte da mãe Teodora, irmã de Bardas (Vart), general do império. Miguel subiu ao trono ainda menor, ficando sob a tutela da mãe, a rainha Teodora, de 842 a 855. Até o ano de 860 foi seu tio, Bardas (Vart) quem governou o império com o título de “césar”.

Administrador incorruptível, inteligente e enérgico, amante das letras e ciências, Bardas notabilizou-se por empreendimentos de grande interesse para a cultura e história bizantina. Foi fundador da famosa Universidade de Magnaura (Constantinopla),

“a mais bela e mais gloriosa de suas obras”,

— segundo a expressão do historiador Genésio José — que deveria desempenhar papel importante na história do Império, reservando para Bizâncio o predomínio intelectual no mundo oriental. A direção da Universidade foi conferida a um armênio, Leão-o-Gramático, natural de Salônica e matemático insuperável no seu tempo, um verdadeiro gênio de várias qualidades científicas e técnicas.

Bardas soube escolher colaboradores capazes. Entre êstes figuram Constantino, o futuro “Cirilo”, autor do alfabeto “cirílico” (esla-

como Constantino Porfirogênetas Romano Legapeno, Nicéfodo Focas, João Tsimishes, dos melhores do Império.

Basílio I, avô de Constantino Porfirogênetas, tinha cinquenta anos quando subiu ao trono. Excelente soldado, bom administrador, hábil diplomata e governante autoritário e justo, defendeu o prestígio do Império dentro e fora das fronteiras. Suas qualidades rudes de soldado não o impediram de possuir um profundo sentimento humanitário; fundou vários institutos de caridade e declarava que um regente “perdia o dia em que não fizesse bem a alguém”. Sua convicção quanto ao poder absoluto do imperador “ninguém na terra acima do imperador” — conciliava-se com a justiça, segundo a qual o “imperador não deve tolerar nenhuma injustiça” e “os pobres não devem ser oprimidos pelos ricos”, muitas vezes acolhendo êle pessoalmente, as reclamações dos necessitados e presidindo as sessões dos tribunais.

A maior glória de Basílio I reside, talvez, na sua obra de legislador e renovador do Direito Romano (de Justiniano). A reforma do Código Civil (*Procheiron*; purificação das antigas leis), empreendida por êle, foi ultimada por seu filho e sucessor, Leão VI-o-Filósofo.

Assegurando boas relações com o Ocidente (República Vêneta e os Carolíngios da França e Itália) e com o mundo eslavo (búlgaros e russos), lançou por terra e por mar suas armas vitoriosas contra o poderio do *Islão* no Ocidente e no Oriente.

Por ocasião da restauração do Reino Armênio, pela Dinastia dos Bagrátidas, enviou ao rei Ashot Bagratuni uma corôa real.

Basílio tentou reconciliar-se com a Igreja Romana, com o fim de apaziguar os ânimos, e num concílio do ano de 869 (28 de fevereiro), foi ratificada a união das duas Igrejas. O patriarca Fócio foi substituído por Inácio. Pouco depois, porém, devido a desentendimentos, tudo voltou ao que era antes, — Fócio reabilitado na sede patriarcal, a Igreja Bizantina independente da Romana — e o papa João VIII foi obrigado a reconhecer o fato consumado (40).

A ascensão ao trono imperial de um nôvo “césar”, não oriundo da casta reinante, criava um caso de direito. Um decreto de Basílio veio “legitimar” o estatuto civil dos membros da família do imperador em exercício; os nascidos consideravam-se *porfirogênetas* (nascidos em púrpura), legitimando, assim, um efeito subsequente ao ato de “usurpação do poder”.

(40). — DIEHL, *HMA*, III, p. 443-446.

Basílio, envelhecido, morreu “em paz”, no ano de 886, caso raro na história bizantina. (Fig. 13, 14). Sucedeu-lhe seu filho, Leão VI.



13 Վասիլ Ա.Ն պղնձադրամը.

13. Basílio I (cobre).



14

Վասիլ Ա.Ն և Կոստանդինի ոսկեդրամը.

14. Basílio I e Constantino VII Porfirogêneta (ouro).

*

17. — *Leão-o-Filósofo (886-912).*

Filho de Basílio I, êste, apesar de não possuir instrução, estimava-a por ser a “ciência o melhor ornamento do Império”, e fêz tudo para a melhor educação do filho, Leão, sob os cuidados do patriarca Fócio. Leão justificou a esperanças dos seus pai e teve, por isso, o apelido de “o Filósofo”.

O amor às letras não impediu que atendesse aos negócios do Império. A sua maior preocupação foi a falta de herdeiros; para remediá-la, não hesitou em causar escândalos e conflitos com a Igreja, que não permitia um quarto casamento. Os filhos que lhe deu Teófane, a primeira mulher, não sobreviveram. Dois outros casamentos subseqüentes tiveram a mesma sorte: ou não lhe deram herdeiros ou êstes não sobreviveram. Afinal foi a sua amante, Zoé, quem lhe deu no ano de 905, o filho desejado Constantino VII Porfirogêneta, futuro imperador. O patriarca Nicolau por ter desaprovado essa união, foi substituído por Eutímio. A tenacidade de Leão venceu tudo e todos para legitimar o casamento; Roma antecipou-se à Igreja de Bizâncio em aprová-lo e, afinal, no ano de 911, seu filho Constantino foi coroado príncipe herdeiro (*basileus*) dos romanos, solenemente, na catedral de Santa Sofia.

A Reforma Legislativa, sob o título de *Basilikês*, empreendida pelo seu pai, apresenta o monumento mais importante do Direito Bizan-

tino (41), para a honra do govêrno de Leão. A nova legislação centralizava o poder civil e eclesiástico nas mãos do imperador. Foram elaborados também, outros Códigos: o “Livro do Prefeito”, que regulava o estatuto das “Corporações Industriais”; outro para a “Administração das Províncias” e outro, ainda, para reorganizar os 25 destacamentos (Temas) do Império. Realizaram-se, outrossim, trabalhos de colonização na Capadócia e nas regiões do rio Eufrates, por novas anexações de terras tomadas aos árabes pela tática de golpes organizados por parte de aventureiros selecionados, sobretudo armênios (42), sendo um dos mais famosos Melias (Mleh). As suas reformas, na hierarquia eclesiástica, causaram tumultos e debates, que Leão soube, hàbilmente, serenar.

Na política exterior, Leão não teve o êxito de seu pai; os árabes invadiram as ilhas gregas e o sul da Itália e, de outro lado, os búlgaros movimentaram-se contra Bizâncio; Leão contra os últimos, usou da diplomacia bizantina, de “bater os bárbaros por outros bárbaros”. Foi mais pela inteligênciã do que pela fôrça que evitou maiores conseqüências, chegando por fim a entender-se com os adversários. (Fig. 15, 16).



15 Լեոն Իմաստասէրի ոսկեդրամը.



16 Լեոն Իմաստասէրի և Կոստանդին Պերկեոսովէնի դրամը

15. Leão VI-o-Filosofo e a Santa Virgem (ouro).
 16. Leão VI-o-Filosofo e Constantino VII Porfirrogêneta (ouro).

(41). — DIEHL, *HMA*, III, p. 448.

(42). — DIEHL, *HMA*, III, p. 449.

No ano de 912 faleceu Leão, herdando o trono imperial o filho Leão Júnior, sob o nome de Constantino VII, Porfirogênetas.

*

18. — *Alexandre (912-913)*.

Irmão de Leão VI-o-Filósofo e com êste co-imperador; sua participação foi simplesmente formal. Após a morte do irmão, apoderou-se do trono por um ano por ser o herdeiro ainda menor. Morreu no ano de 913.

*

19. — *Constantino VII Porfirogênetas (912-959)*.

Os primeiros anos do imperador, menor ainda, foram difíceis, caracterizados pelas tentativas de tomada do poder por parte de terceiros. Por seis anos houve uma luta de influência e de muitas intrigas na côrte, entre a rainha-mãe Zoé e o patrício Nicolau, alto funcionário na côrte.

No ano de 919 o almirante *Romano Legapeno*, para defender o jovem imperador Constantino VII, apoderou-se da pessoa dêste e do palácio, em seguida deu-lhe a sua filha Helena em casamento e proclamou-se co-imperador tutor (*Basíleo pator*).

Os árabes foram vencidos na Itália, mas os búlgaros apossando-se de tôda a Macedônia e Trácia, chegaram às portas de Constantinopla, e a paz voltou após uma entrevista entre os dois imperadores.

Por vinte e cinco anos, Constantino VII praticamente viveu retirado no palácio para seu contentamento, dedicando-se à sua ocupação preferida: as letras. Compôs, para seu filho, o “Livro das Cerimônias”, um manual dos costumes do Império, como ainda, outros tratados sôbre a administração, a diplomacia e estratégia do Império.

No ano de 945, os trinta e nove anos de idade, era chefe único do Império. Por sua sorte, apesar de sua mediocridade na arte militar, as armas do Império foram vitoriosas em tôdas as frentes, graças aos corajosos generais “armênios” do tempo.

A sua atividade literária contribuiu notavelmente para o movimento intelectual de Bizâncio, no século X. Ao seu patrocínio devem-se as importantes obras historiográficas do grego *Teófanos* e do armênio *Genésio José*.

Constantino faleceu no ano de 959. (Fig. 12, 14, 16, 17).



17.

Ռոմանոսի, Կոստանդնի և Քրիստոսփորի ոսկեդրամը.

17. Romano I Legapeno, a Santa Virgem, Constantino VII Porfirogêneta e Cristoforo, filho de Romano I (ouro).

*

20. — *Romano I Legapeno (919-944)*.

Descendente de família pobre, incorporou-se no destacamento *Armeniakon* e por sua coragem mereceu os favores de Leão-o-Filósofo, chegando a ser nomeado grande almirante. Sem instrução, mas dotado de um caráter forte e de talento militar, chegou a ocupar o trono imperial, inicialmente, como tutor do jovem imperador, Constantino VII Porfirogêneta. Dando-lhe a sua filha, Helena, em casamento, fortaleceu a sua influência na côrte, nomeando-se co-imperador, no ano de 919.

Com uma atitude enérgica pôs fim às pretensões do sempre crescente poderio búlgaro e assegurou-se da aliança do rei Ashot II da Armênia. Sob a ação de ilustres generais, que êle soube escolher dentre seus compatriotas, as armas imperiais passaram à ofensiva vitoriosa em tôdas as frentes. O mais famoso dêstes foi Kurken (Courcouas)-o-armênio durante vinte e dois anos (922-944) comandante chefe de tôdas as fôrças (Temas) da Ásia Menor, por Teófanos qualificado como “um segundo Trajano, um segundo Belisário”; as fronteiras do Império estenderam-se, outra vez, “até os rios Hális e Eufrates”, segundo o historiador Genésio José o continuador de Teófanos; os árabes foram derrotados na Ásia Menor e o Emir de Edessa devolveu a Kurken o “santo sudário” (mendilion, pertencente ao rei Abgar), trans-

portado com grande pompa, para Constantinopla. Kurken assistido por seu irmão, Teófilo, pelo filho dêste João Tzimishes, por Bardas Focas e seus filhos Nicéforo e Leão, todos futuros imperadores, com exceção do primeiro e do último.

As vitórias de Kurken e a sua crescente fama acarretaram a sua desgraça. Por intrigas da côrte, foi deposto juntamente como o imperador Romano Legapeno, (fig. 17), por mão de seus filhos, e exilado, em seguida, para as Ilhas dos Príncipes. Permaneceu no trono, como chefe único, Constantino VII Porfirogêneta.

*

21. — *Romano II (959-963).*

Filho de Constantino VII Porfirogêneta ocupou o trono apenas por quatro anos. Êste breve período foi marcado por um fato importante: fôrças imperiais da Ásia Menor, sob o comando do armênio Nicéforo Focas realizaram a conquista de Creta, secular sonho de Bizâncio, dando-lhe supremacia nos mares. Para assegurar a posse da ilha, foram para ali transferidos da Ásia Menor colonos gregos e armênios.

Romano, (fig. 18), morreu prematuramente no ano de 963, deixando dois filhos, Basílio (futuro Basílio II) de cinco anos de idade e Constantino (futuro Constantino VIII), de dois anos.



18. Romano II (cobre).

18 Ռոմանոս Բ. Է զբաժը.

*

22. — *Nicéforo Focas (963-969).*

Ao morrer Romano II deixava dois filhos menores, Basílio e Constantino. A imperatriz Teófane assumiu a regência; ela precisava

da assistência de Nicéforo, comandante das forças (*Temas*) da Ásia Menor, contra o primeiro ministro Bringas, que detestava. Para Nicéforo foi a melhor das oportunidades. No ano de 963, entrou em Constantinopla e foi coroado co-imperador em Santa Sofia. Um mês depois, Teófane casou com Nicéforo, o ídolo das tropas: soldado corajoso e general incomparável.

Homem de feições duras, abrigava por dentro um coração ardente e místico. No Oriente reconquistou aos árabes a Cilícia e a Síria, inclusive as cidades de Antioquia e Alepo; no Ocidente, os Balcãs aos búlgaros e chegou a um entendimento amigável com a Rússia.

As intrigas e os crimes subseqüentes, para a tomada do poder, estiveram na ordem do dia em Bizâncio. Na noite de 11 de dezembro de 969 com a cumplicidade da rainha Teófane e de um general armênio, João Tzimishes, foi assassinado Nicéforo Focas, e o general aposentou-se do trono, associando-se aos dois jovens herdeiros Porfirogênetas: Basílio e Constantino.

*

23. — *João Tzimishes (969-976)*.

O nôvo soberano, “o mais brilhante general do Império”, ao subir ao trono, tinha quarenta e cinco anos. Parente de Nicéforo Focas, contribuiu para a sua ascensão ao poder, bem como, para o seu fim.

A militança foi o seu teor de vida preferido. De caráter feroso, participou de tôdas as guerras de seu tempo e distinguiu-se pela extraordinária coragem, “capaz de tentar até o impossível, a cuja grande ira nada podia resistir” segundo escreve o historiador grego Jorge-o-Monge (43).

Nada lhe faltou para vencer; dirigiu pessoalmente suas armas vitoriosas contra os russos derrotando-os desastrosamente, sendo a parte oriental da Bulgária anexada ao Império; em 974 entrou na Mesopotâmia; em 975 conquistou tôda a Síria, com as cidades de Damasco e Homs, a Fenícia com as cidades de Beyrute e Baalbec, e parte da Palestina, até Jerusalém.

(43). — DIEHL, *HMA*, III, p. 473, nota 170.

Foi ao regressar dessa grande expedição, que morreu Tzimishes. (Fig. 19). Na opinião dos contemporâneos, foi envenenado pelo ministro Basílio, seu grande adversário.



19. João Tzimishes (prata).

19 $\text{Ϡ}\alpha\iota\lambda\zeta\alpha\delta\iota\sigma\iota\kappa\iota\sigma\iota\ \text{Ϡ}\alpha\iota\lambda\zeta\alpha\delta\iota\sigma\iota\kappa\iota\sigma\iota\ \alpha\pi\alpha\delta\alpha\theta\epsilon\tau\alpha\gamma\epsilon\tau\alpha\mu\epsilon\tau\alpha.$

*

24. — Basílio II (976-1025).

No momento em que morria João Tzimishes, o herdeiro do trono, Basílio, filho de Romano II, tinha dezoito anos e tomou o poder com seu irmão menor Constantino.

Dentre os imperadores da Dinastia Macedônica, Basílio II parece a grande figura de monarca soldado. Quando adolescente, gostava de “boa vida”, mas no momento em que se libertou do indesejável ministro seu tutor, a sua vida mudou completamente. Não quis mais saber de luxo, de prazeres, nem de mulheres e parece que nem mesmo se casou. Nada ostentava da magnificiência imperial, nada de vestidos suntuosos nem jóias e a rotina da côrte realizava-se sem formalidades.

Não tinha instrução, nem gostava dela, porém “verdadeiro homem de ferro”, não conhecia cansaço. Soldado admirável e grande estrategista, compartilhava a vida de suas tropas, sabendo no momento oportuno conduzi-las à vitória.

Administrava pessoalmente os negócios do govêrno e das finanças, cômico da importância destas para a estabilidade do poder. Na sua morte deixaria, nos cofres, mais de meio milhão de moedas de ouro. Quis ser simples demais; ordenou que, após a sua morte fôsse o seu funeral sem pompa alguma e seu túmulo, não na Igreja dos Santos Apóstolos, como de costume, mas numa pequena igreja nos subúrbios da capital. E' o único imperador que nas pinturas aparece como soldado.

Os grandes senhores feudais do Império não gostaram do govêrno autoritário de Basílio. Houve muitos tumultos e revoltas, mas

com mão forte êle logrou dominá-los, comportando-se com extrema dureza para com os perturbadores.

Na política externa teve que bater-se por trinta anos, com uma tenacidade incomum contra os búlgaros, até a vitória final, merecendo o apelido de “Bulgaróctone” (vencedor, ou melhor, massacrador dos búlgaros). A fase inicial desta vitória foi ao regressar êle da campanha do Oriente (Síria), quando os búlgaros tinham invadido a Dalmácia, a Grécia e a Tessália; Basílio derrotou-os numa verdadeira chacina, levando para Constantinopla mil cabeças inimigas; a fase final deu-se após quinze anos, quando 15.000 búlgaros encontraram um fim trágico. A Bulgária passou ao domínio de Bizâncio, com grandes festividades; Basílio, para esquecer o triste passado, exerceu sôbre ela um govêrno humano com muito respeito aos costumes do país.

A sua atitude para com a pátria de origem, não foi concorde com o seu sangue armênio, por ter incorporado ao Império algumas províncias do país entre outras a de Vaspourakan e a capital Ani do Reino Armênio dos Bagrátidas.

As guerras e uma vida dura de soldado esgotaram-lhe a saúde e causaram sua morte, no ano de 1025. Nessa ocasião o Império Bizantino se estendia do Danúbio e da Itália até o planalto armênio; achavam-se reduzidos os poderes dos barões feudais e o erário abrigava uma reserva de mais de meio milhão de moedas de ouro (*sic*). Sucedeu-lhe seu irmão Constantino.

*

25. — *Constantino VIII (1025-1028).*

Irmão menor de Basílio II, Constantino era de caráter oposto, prejudicial a quem estava destinado ao govêrno de um Império tão extenso e tão complicado como o bizantino. Morreu cedo, no ano de 1028, deixando duas filhas, Zoé e Teodora.

Três dias antes de morrer, Constantino deu sua filha Zoé em casamento ao prefeito da cidade de Constantinopla, Romano Argiro. Após a morte do pai, Zoé subiu ao trono com sua irmã Teodora e o marido Romano III. Foi ela a imperatriz mais aventureira da história bizantina, enchendo o mundo bizantino, em vinte e dois anos de govêrno com o estardalhaço de seus desmandos.

*
* *

IMPERATRIZES ARMÊNIAS.

Casadas com:

- | | |
|--|--|
| 1. — Maria (Marina) (788-795) | — Constantino VI. |
| 2. — Teodósia (813-820) | — Leão V-o-Armênio. |
| 3. — Eufrosine (823-830) | — Miguel II. |
| 4. — Teodora II (830-867)
(fig. 20) | — Teófilo. |
| 5. — Maria (867- ?) | — Basílio I. |
| 6. — Helena (919-961) | — Constantino VII porfi-
rogêneta. |
| 7. — Teodora III (971-976) | — João Tzimishes. |
| 8. — Zoé (1028-1050) | — Romano Argiro (1028).
— Miguel IV (1034).
— Constantino IX Monô-
maco (1042). |
| 9. — Teodora IV? (1054-1056)
(fig. 21) | — ? |
| 10. — Rita (1294-1333) filha do
Rei Leão II da Cilícia. | — Miguel IX Paleólogo. |



21. Imperatriz Teodora IV (ouro).

21 Թեոդորայի թագուհու ոսկե

BIBLIOGRAFIA.

I. — FONTES.

a — *Autores estrangeiros (gregos)*: que se referem as personagens armênias no Império Bizantino. Estão publicados no *Corpus Historiae Bizantinae*, em 34 volumes, Veneza, 1729-1738. No último volume encontram-se as *moedas* dos imperadores. Outra publicação pelo alemão Niebur: *Corpus Scriptorum Historiae Bizantinae*, Bonn, 1828-1878, em 49 volumes.

1. AGATHIÁS, da segunda metade do século VI.
2. CONSTANTINO MANASSÉ, da metade do século XII.
3. EVÁGRIO SCOLÁSTICO, do fim do século VI. A obra está incluída na coleção *Augustae Taurinorum*, MDCLXVIII, *ex regia typographia*.
4. GENÉSIO JOSÉ (armênio), do começo do século X. Deu continuidade a obra de Teófano.
5. JOÃO ZONARAS do começo do século XII.
6. JORGE CEDRENO, do século XI.
7. JORGE-o-MONGE, do fim do século VIII.
8. MENANDRO, do fim do século VI.
9. MIGUEL KLEIGAS, do começo do século XII.
10. NICÉFORO, patriarca, do começo do século IX.
11. PROCÓPIO, da segunda metade do século VI.
12. TEÓFANO, do começo do século IX; refere-se, em espécie, a Lcão V-o-Armênio. Sua obra foi continuada por Genésio José.
13. TEOFILATE SIMOCATA, do começo do século VII, biógrafo de Maurício.

b — *Autores armênios*:

1. ANANIAS DE SHIRAK, do século VII, matemático-geógrafo; *Obras*, Erevam, 1944.

2. ARISTAKES LASDIVERTSI, dos meados do século XI; *História da Armênia*, Erevan, 1962 (última edição).
3. ESTEVÃO DE ASOGHIK, do século X; *História Universal*, 1a. ed. em Petersburgo, 1885.
4. FAUSTO DE BIZÂNCIO, do século V; *História da Armênia*, Veneza, Gráfica Mekhitarista, 1933 (última edição).
5. HETUM, do fim do século XIII; *História dos Tártaros*, Veneza, Gráfica Mekhitarista, 1842.
6. HOVANES DE TRASKHANAKERT, patriarca, do século IX; *História da Armênia*, Tiflis, 1912.
7. KIRAKOS DE KANTZAK, do século XIII; *História da Armênia*, Erevan, 1961 (última edição).
8. LÁZARO DE PARBE, do século V; *História da Armênia*, Veneza, Gráfica Mekhitarista, edição de 1933.
9. MATHEUS DE URHA (Edessa), do começo do século XII; *Cronologia*, Vagarsabad (Armênia), 1898, 2a. edição.
10. MOISES KALANKATWATSI, dos séculos VI-VII; *História dos Alanos* (Albanos, Alwanos, no Cáucaso).
11. SEPEUS, do começo do século VII; *História das guerras de Heráclio contra os persas*, Erevan, 1939 (última edição).

NOTA: as obras dos historiadores armênios acima mencionados, têm suas traduções em diferentes idiomas ocidentais (francês, russo, alemão, inglês, italiano). As traduções em francês encontram-se nestas coleções:

LANGLOIS: *Collection des historiens anciens et modernes de l'Arménie*, Paris, 1869-1881.

DULAURIER: *Recueil des historiens des Croisades; Documents arméniens*, Paris, 1850.

BROSSET: *Collections de historiens arméniens*.

II. — ESTUDOS (as obras precedidas por sinal de (*), foram consultadas por nós; são as mais importantes para os fins do presente trabalho e contém ampla bibliografia classificada; as outras foram consultadas por indicações dcstas).

a — *Autores estrangeiros:*

1. BRÉHIER (Louis), *Les institutions de l'Empire Byzantin* 2 volumes, Paris, Albin Michel, 1949-1950 (*).

2. Idem, *La Civilisation Byzantine*, 1950 (*).
3. BUSSELI (F. W.), *The Roman Empire*, 2 volumes, Londres, 1910.
4. DIEHL (Charles), *Byzance, grandeur et decadence*, Paris, E. Flammarion, 1920 (*).
5. Idem, *histoire de l'Empire Byzantin*, Paris, A. Picard, 1934 (*).
6. Idem, *Figures byzantines*, 2 volumes, Paris, Armand Colin, 1934, 1948 (*).
7. DIEHL (Charles) } *Histoire du Moyen Age*, 2 volumes,
GROUSSET (René) } Paris, Presse Universitaire de Fran-
GUILLAND (Rodolphe) } ce, 1936 (t. III), 1945 (t. IX), Co-
MARÇAIS (Georges) } ção "Glantz" (*).
OECONOMOS (Lysimaque) }
8. FINLAY, *History of the Byzantine Empire*.
9. FOCILLON (Henri), *Art d'occident*, Paris, Armand Colin: resumo em armênio, na revista *Arte Soviética*, Erevan, 1961, p. 13-29 (*).
10. GELZER (Henri), *Abrise der byzantinischen Kaisergeschichte*, Munich, 1897.
11. GRABAR (A.), *L'empereur dans l'art byzantin*, Paris, 1936 (*).
12. OSTROGORSKY (Georges), *Histoire de l'État Byzantin*, (original em alemão); tradução francesa de J. Gouillard, Paris, 1956 (*).
13. RAMBAUD (Alfred), *Études sur l'histoire byzantine*, Paris, Armand Colin, 1922 (*).
14. RIVOIRA, *Architettura Musulmana*, Milão, 1914; resumo em armênio na revista *Arte Soviética*, Erevan, 1966, nº 5, p. 52 (*).
15. RUNCIMAN, *Byzantine Civilization*, Londres, 1932.
16. SABATIER (J.), *Description générale des monnaies byzantines*, Paris, 1862. (Ver a obra de BASMADJIAN, na lista dos autores armênios).
17. SCHLUMBERGER (Gustave), *L'Épopée byzantine, à la fin du Xe. siècle*, 3 volumes, 1896 (contem a reprodução das moedas bizantinas; ver a obra de BASMADJIAN, na lista dos autores armênios).
18. STRZYGOVSKI (J.), *Die Baukunst der Armenier und Europa*, Viena, 1918 (*).
19. Idem, *Origine de l'art Gothique*, na revista *L'Amour et l'Art*, 1932, mars.
20. VASILIEV (A.), *L'Histoire de l'Empire Byzantin*, 2 volumes, Paris, 1932 (*).

b — Autores armênios:

1. ABRAHAMIAN (A. K.), *Resumo histórico da Diáspora armênia*, Erevan, 1964, p. 30-90.

2. ADONTZ (N.), *Basílio I*, na revista *Byzantion*, Bruxelles, 1933, 1934.
3. Idem, *Estudos históricos*, Paris, 1948.
4. ALBOYADJIAN (A.), *História da emigração armênia*, Cairo.
5. ALISHAN (L.), *Relações armeno-vênetas*, Veneza, Gráfica Mekhitarista, 1896.
6. ANTRIKIAN (N.), *Os Mamikonians de Bizâncio*, Veneza, Gráfica Mekhitarista, 1905.
7. ARAKELIAN (Babken), *Cidades e Artes na Armênia, nos séculos IX-XIII*, 2 volumes, Erevan, 1958, 1964.
8. BASMADJIAN (G.), *Numismática geral armênia*, Veneza, Gráfica Mekhitarista, 1936.
9. BEDROSSIAN (K.), *A matemática na Antigüidade e Idade Média armênia*, Erevan, 1959.
10. DER-NERSESSIAN (Sirarpie), *Armenia and the Byzantine Empire*.
11. Idem, *A miniatura armênia*, na introdução da *Miniatura Armênia*, publicada em Veneza (em quatro idiomas: armênio, italiano, francês, inglês), Gráfica Mekhitarista, 1966.
12. Idem, *The Armenians*, série "Ancient Peoples and Places", Thame & Hudson, London, 1969.
13. DER-SAHAKIAN (G.), *Os imperadores armênios de Bizâncio*, 2 volumes, Veneza, Gráfica Mekhitarista, 1927, 1935: (a melhor obra do ramo).
14. DJEVAHIRDJIAN (S.), *A abóbada armênia na arquitetura gótica*, Veneza, Gráfica Mekhitarista, 1941.
15. FENDIKLIAN (K.), *Armênios de Bizâncio*, na revista *Gotchnak*, Nova Iorque, 1935.
16. Idem, *Dignatários armênios em Ravena*, im *Almanaque de todos*, Paris, 1926, p. 355-367.
17. HABESHIAN (H.), *África na vigília da dominação árabe*, im *Anabadi Hushartzan* (Noticioso do deserto), I, p. 113-116.
18. HOVSEPIAN (K.), *Os armênios no Imperio Bizantino*, na revista *Hask*, Beyrouth-Antelias, 1953, junho-julho.
19. TCHAMTCHIAN (M.), *História da Armênia*, 3 volumes, Veneza, Gráfica Mekhitarista, 1784.
20. TORAMANIAN (T.), *A arquitetura armênia*, Erevan, 1942.
21. ACADEMIA ARMÊNIA DE CIÊNCIAS, *Arquitetura armênia*, Erevan, 1964.